

**ENTRE CIÊNCIA E CULTURA  
DA INTERDISCIPLINARIDADE À  
TRANSVERSALIDADE DA ARQUEOLOGIA**

**BETWEEN SCIENCE AND CULTURE  
FROM INTERDISCIPLINARITY TO THE  
TRANSVERSALITY OF ARCHAEOLOGY**

**ENTRE CIENCIA Y CULTURA  
DE LA INTERDISCIPLINARIEDAD  
A LA TRANSVERSALIDAD DE LA ARQUEOLOGÍA**



**ENTRE CIÊNCIA E CULTURA**  
DA INTERDISCIPLINARIDADE À  
TRANSVERSALIDADE DA ARQUEOLOGIA

**BETWEEN SCIENCE AND CULTURE**  
FROM INTERDISCIPLINARITY TO THE  
TRANSVERSALITY OF ARCHAEOLOGY

**ENTRE CIENCIA Y CULTURA**  
DE LA INTERDISCIPLINARIEDAD  
A LA TRANSVERSALIDAD DE LA ARQUEOLOGÍA

**ACTAS DAS VIII JORNADAS DE JOVENS  
EM INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA**

**PROCEEDINGS OF THE VIII<sup>TH</sup> YOUNG  
RESEARCHERS IN ARCHAEOLOGY CONFERENCE**

**ACTAS DE LAS VIII JORNADAS DE JÓVENES  
EN INVESTIGACIÓN ARQUEOLÓGICA**

#### TÍTULO | TITLE | TÍTULO

Entre ciência e cultura: da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia.

Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica

Between science and culture: from interdisciplinarity to the transversality of archaeology.

Proceedings of the VIII<sup>th</sup> Young Researchers in Archaeology Conference

Entre ciencia y cultura: de la interdisciplinariedad a la transversalidad de la arqueología.

Actas de las VIII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica

#### COORDENADORES | COORDINATORS | COORDINADORES

Inês Pinto Coelho, Joana Bento Torres, Luís Serrão Gil, Tiago Ramos

#### EDIÇÃO | EDITION | EDICIÓN

Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores

[www.cham.fcsh.unl.pt](http://www.cham.fcsh.unl.pt) | [cham@fcsh.unl.pt](mailto:cham@fcsh.unl.pt)

Instituto de Estudos Medievais

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

<http://iem.fcsh.unl.pt> | [iem.geral@fcsh.unl.pt](mailto:iem.geral@fcsh.unl.pt)



#### COLECÇÃO | COLLECTION | COLECCIÓN

ArqueoArte, n.º 4

#### DEPÓSITO LEGAL

427190/17

#### ISBN

978-989-8492-44-9

#### GRAFISMO E PAGINAÇÃO | GRAPHIC DESIGN | DISEÑO Y MAQUETACIÓN

Canto Redondo

[www.cantoredondo.eu](http://www.cantoredondo.eu) | [geral@cantoredondo.eu](mailto:geral@cantoredondo.eu)

#### IMPRESSÃO | PRINT | IMPRESIÓN

ACD Print

#### DATA DE EDIÇÃO | FIRST PUBLISHED IN | FECHA DE EDICIÓN

Dezembro de 2016 | December 2016 | Diciembre 2016

#### APOIOS | SPONSORS | PATROCINADORES



Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Os textos e imagens desta publicação não podem ser reproduzidos por qualquer processo digital, mecânico ou fotográfico.

Publicação subsidiada ao abrigo do projecto estratégico do CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia - UID/HIS/04666/2013.

## ÍNDICE | INDEX | ÍNDICE

- 7 **APRESENTAÇÃO**  
PRESENTATION  
PRESENTACIÓN
- 13 **SESSÕES TRADICIONAIS**  
TRADITIONAL SESSIONS  
SESIONES TRADICIONALES
- 17 **The contribution of studies of acquisition and use of raw materials in archaeological contexts**  
*Ana Abrunhosa; Marta Francés Negro*
- 19 El chert paleozoico de la Cordillera Cantábrica (N de España)  
*Diego Herrero-Alonso*
- 27 El utillaje lítico pulimentado en el cantábrico central: materias primas. Primera aproximación  
*Elena Quintanal Fontal*
- 35 **Los primeros productores de la Península Ibérica: métodos, técnicas e interpretaciones del proceso neolitizador**  
*Carmen Cortés Echevarría; Hugo H. Hernández*
- 37 Neolítico, Neolitización y otros problemas semánticos. ¿Qué entienden las ciencias sociales por “volverse neolítico”?  
*Carmen Cortés Echevarría*
- 43 The Mesolithic-Neolithic transition through the Iberian shell middens – a review of current evidence and interpretations  
*Diana Nukushina*
- 53 ¿Andando en círculos? Espacialidad y paisaje en las primeras sociedades productoras. Una visión desde la etnoarqueología  
*Mario Díaz Matilla*
- 61 **A componente artefactual das Primeiras Sociedades Agro-Pastoris: perspectivas metodológicas e abordagens transdisciplinares na análise das produções cerâmicas**  
*César Neves; Catarina Costeira; Marco António Andrade*
- 65 Com o Passado Fazer Futuro: o caso da Folha de Acácia da Ota  
*André Texugo; Ana Catarina Basílio*
- 71 Forma e Função: recipientes cerâmicos para a produção de sal na Península Ibérica  
*Joana Ferrão*
- 75 Elementos funcionais ou decorativos? Cordões, mamilos, pegas e asas nos recipientes cerâmicos no 3.º e inícios do 2.º milénios a.C.  
*Catarina Costeira; Elsa Luís*
- 81 Nueva propuesta metodológica sobre la cerámica del Bronce Antiguo y Medio: el caso del Pasillo de Fiñana  
*Giovanna Dedola*
- 87 A produção cerâmica na 2.ª metade do 5.º milénio AC: o conjunto do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal)  
*César Neves*
- 99 A cerâmica lisa em contexto de estruturas negativas no Sul de Portugal na transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e.: alguns aspectos metodológicos e tipológicos  
*Nuno Monteiro*
- 107 Sobre os pequenos vasos carenados do Megalitismo alto-alentejano: questões morfológicas e cronologia  
*Marco António Andrade*
- 117 Ensaio sobre a cegueira: olhar o Montejunto pelo “Campaniforme”  
*Ana Catarina Basílio; André Texugo*
- 127 Estudio funcional de las producciones cerámicas de la Cova del Sardo (Cataluña, España) (4800-2500 cal BC)  
*Nàdia Tarifa Mateo*
- 135 Os vasos perfurados sem fundo nas primeiras sociedades agro-pastoris na Península Ibérica e na Europa Central: perspectivas da arqueologia (experimental), arqueometria e etnografia  
*Thomas Tews*
- 149 **Territórios em Mudança: apropriação, ocupação e exploração do território em contextos de transição**  
*Francisco B. Gomes; Catarina Alves*
- 151 El poblamiento en el Valle Medio del Duero durante la Edad del Hierro. La transición Soto Inicial-Soto Pleno  
*Iñigo de la Fuente Fernández-Cedrón; Gonzalo de Pedro Andrés*
- 155 El estudio del territorio en momentos de cambio: el caso de Elche de la Sierra (Albacete) a la llegada de Roma  
*Clara Flores Barrio*
- 161 Sítio Arqueológico do Mascarro – Um modelo para o povoamento antigo no concelho de Castelo de Vide  
*Sílvia Ricardo*
- 167 Transições na continuidade: a cerâmica islâmica do castelo de Palmela como elemento identificador de transformações culturais  
*João Gonçalves Araújo*
- 177 O Território de Mértola em Época Islâmica – Continuidade ou Descontinuidade? Estudos preliminares  
*Maria de Fátima Palma*
- 183 **Depois dos romanos e antes dos castelos: problemáticas e potencialidades do património arqueológico alto-medieval**  
*Sara Prata; Fabián Cuesta-Gómez*

- 185 Essa história também é minha: Arqueologia alto-medieval e divulgação científica no território de Castelo de Vide  
*Sara Prata; Fabián Cuesta-Gómez*
- 191 A produção cerâmica medieval do sítio de S. Gens: o sector 4 nas campanhas de 2011 e 2012  
*Gabriel Mazoni Venturini de Souza*
- 197 “Los Visigodos son los padres”: contra los esencialismos en las identidades  
*Carlos Tejerizo García*
- 205 As necrópoles alto-medievais do concelho de Cascais: metodologias para o seu estudo  
*Catarina Barradas Meira*
- 209 “Depois” do Alqueva: O Património Arqueológico Alto Medieval e sua Divulgação  
*Tiago Pereira*
- 217 Projecto de investigação “Povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide”: bases metodológicas para a arqueologia dos espaços camponeses  
*Fabián Cuesta-Gómez; Sara Prata; Tiago Ramos; Carlos Duarte Simões; Sílvia Casimiro; Martina Monteiro; Tiago Pereira*
- 221 Pedras com História: Novos dados de sepulturas rupestres do concelho de Almeida  
*Beatriz Fonte*
- 227 **A cultura material na construção do quotidiano da Idade Moderna**  
*Inês Pinto Coelho; Ricardo Costeira da Silva*
- 229 Heterotopías en Conflicto. Sexualidad, Colonialismo y Cultura Material en las Islas Marianas durante el siglo XVII  
*Enrique Moral de Eusebio*
- 233 Evidências do Quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: os contextos do poço SE do Claustro NE  
*André Bargão; Sara Ferreira*
- 243 O sítio do Forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna  
*Sara Ferreira; André Bargão*
- 251 Produções cerâmicas manuais do Período Moderno – um contributo para o seu estudo  
*Filipe Santos Oliveira; Sónia Vasconcelos Brochado*
- 261 **A Multidisciplinidade da Zooarqueologia no contributo da reconstituição das sociedades do passado**  
*Rute Branco*
- 263 Comiendo con neandertales. Una aproximación zooarqueológica a las estrategias de subsistencia de las comunidades neandertales ibéricas  
*Antonio J. Romero Alonso*
- 269 Los adornos en concha del Paleolítico Superior de la Región de Murcia (España)  
*Susana Victoria Martínez Martínez*
- 277 Los carnívoros del recinto de fosos Calcolítico de El Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid)  
*María Carbajo Arana; Carlos Fernández Rodríguez*
- 283 Zooarqueología: una forma de contribución al estudio de los procesos de colonización en una isla oceánica. El ejemplo de Gran Canaria (Islas Canarias)  
*Pablo Castellano Alonso*
- 289 Estudo Zooarqueológico do Castelo de Salir (Loulé). Domesticação VS. Caça na alimentação islâmica  
*Soraia Martins*
- 297 La fauna del depósito del área 40 en Camino de las yeseras (Madrid): otro ejemplo del uso simbólico del perro durante el Calcolítico  
*Arantxa Daza Perea*
- 305 **Non stop revolution! Las nuevas tecnologías aplicadas a la arqueología**  
*Miguel Carrero Pazos; Miguel Busto Zapico; Benito Vilas Estévez; Alia Vázquez Martínez*
- 307 Virtual anthropology and the study of skeletal form and function  
*Ricardo Miguel Godinho*
- 313 Fotogrametría, SIG y Teledetección para la reconstrucción del paisaje pretérito del Embalse de La Serena, Badajoz  
*Jorge Canosa-Betés*
- 319 El uso de LiDAR como herramienta de prospección de asentamientos de la Edad del Hierro en el Noroeste Peninsular: el caso de A Estrada  
*Mikel Díaz Rodríguez; Alba Antía Rodríguez Nóvoa; Estevo Amado Rodríguez*
- 329 Propuesta Metodológica de Restitución Topográfica  
*Diego Torres Iglesias*
- 333 Análisis de huellas de uso en industria lítica mediante perfilómetro láser confocal  
*Ana Álvarez-Fernández; Belén Márquez*
- 339 La Tridimensionalidad del Registro Arqueológico. Uso de técnicas structure from motion (SfM) en el proyecto MEMOLA  
*Pablo Romero Pellitero; José Caballero López*
- 343 Measuring the Palaeolithic life: a bioenergetic approach  
*Guillermo Zorrilla-Revilla; Olalla Prado-Nóvoa; Marco Adolfo Vidal-Cordasco; Jesús Rodríguez; Ana Mateos*
- 347 The use of computerized axial tomography scan in the study of a mandibular cyst of a medieval child  
*Zuriñe Sánchez-Puente; Yulieth Quintino*

- 353 **Microarchaeology: tracking the hidden archaeological record through multidisciplinary analysis**  
*Carlos Duarte Simões; Natália Égüez; Mario Gutiérrez-Rodríguez; Arantzazu Jindriska Pérez Fernández*
- 355 The application of micromorphology on anthropogenic deposits in Iberian Peninsula: current research and future perspectives  
*Arantzazu Jindriska Pérez Fernández; Carlos Duarte Simões; Mario Gutiérrez-Rodríguez; Natália Égüez*
- 363 New methods, new possibilities: An evaluation of organic residue analysis extraction methods for the archaeology of the Iberian Peninsula  
*Adrià Breu Barcons*
- 369 El estudio de las huellas de uso: nuevos avances para reconstruir el comportamiento de nuestros ancestros  
*Sara de Francisco Rodríguez*
- 375 Retrieving family dynamics through palaeogenetic and isotopic analysis: a joint proposal for the study of the last hunter-gatherers and early farmers' daily lives  
*Hugo H. Hernández; Izaskun Sarasketa-Gartzia*
- 383 Southern Italy grey layers: preliminary data from Broglio di Trebisacce (CS, Calabria)  
*Laura Matilde Magno*
- 391 **Archaeology of the Future. New Ways in Researching and Presenting the Past**  
*Ulrich Stockinger; Ana Maspoli*
- 393 Povoamento do Neolítico e Calcolítico das Serras de Aire e Candeeiros  
*Daniela Maio*
- 399 *Timeo interretem et dona ferentem*  
On ARACHNE and the Potential and Limits of Publishing Archaeological Catalogues Online  
*Gabriele Scriba; Ulrich Stockinger*
- 409 **Arqueologia do meio aquático. Abordagens interdisciplinares**  
*Ana Catarina Garcia; Rut Geli Mauri*
- 411 Modelos de ocupación para los castros costeros del Golfo Ártabro. Una propuesta metodológica  
*Samuel Nión Álvarez*
- 417 O que ficou de uma grande história. Arade B, um sítio subaquático multifacetado no barlavento algarvio  
*Cristovão Fonseca*
- 429 Estudio preliminar del pecio Aiguablava V. Un barco hundido en la cala de Aiguablava en el siglo II d.C.  
*Juan Mayoral Peñalva*
- 439 La monitorización del hierro arqueológico sumergido y los posibles efectos de su exposición *in situ* al público. Estudio de los falconetes de Punta Santa Anna, Blanes  
*Carla Riera Andreu; Carlos Cabrera; Carles Aguilar*
- 445 La conservación en las intervenciones de arqueología preventiva sobre yacimientos arqueológicos subacuáticos. El naufragio de Manzanillo en Cartagena de Indias, Colombia  
*Carla Riera Andreu*
- 453 Arqueologia de Águas Profundas no Arquipélago dos Açores. Métodos, Técnicas e Resultados  
*Ana Catarina Garcia*
- 459 Antigo arraial da armação de atum do Barril – Algarve. Uma sensibilização para o património marítimo  
*Brígida Baptista*
- 465 **Arqueologia urbana: da intervenção preventiva à divulgação pública passando/sem passar pela investigação**  
*Jacinta Bugalhão; Carolina Grilo*
- 467 Arqueologia Urbana em Lisboa: da intervenção preventiva à divulgação pública  
*Jacinta Bugalhão*
- 475 Estruturas arqueológicas do Largo da Sé (Lisboa)  
*Lídia Fernandes*
- 483 Arqueologia Urbana em Lisboa. A Reabilitação e as suas Problemáticas  
*Nuno Neto; Paulo Rebelo*
- 487 Arqueologia Preventiva: dados preliminares de uma intervenção na Mouraria (Lisboa)  
*Ana Rosa*
- 493 **EducAR desde y no sobre arqueología. La didáctica de la arqueología como medio para aprender de forma global y transversal**  
*Lorena Jiménez Torregrosa; Irene Palomero Ilardia*
- 495 La excavación simulada como simulacro de excavación: la doble experiencia de alumnos y arqueólogos en un ejemplo de didáctica de la Arqueología  
*José Antonio Mármol; Miguel Angel Marín; Manuel Muñoz*
- 501 Arqueología y Educación: acercando los paisajes culturales a los centros escolares  
*Lara Delgado Anés*
- 505 ¿Coeducación en los museos? Análisis desde la perspectiva de género de los museos arqueológicos asturianos  
*Laura Bécares Rodríguez*
- 511 "Seguendo le tracce degli antichi". Un proyecto nacido para dar a conocer las múltiples maneras de hacer arqueología en Europa  
*Anita Pinagli; Alessandra Gargiulo; Miguel Busto Zapico*

- 517 ¿Es posible aprender prehistoria en la educación secundaria obligatoria excluyendo los libros de texto? La experimentación didáctica en el proyecto "tocando la prehistoria"  
*Sònia Mañé Orozco*
- 525 MESAS REDONDAS  
ROUNDTABLE SESSIONS  
MESAS REDONDAS
- 529 **Dibujando conceptos. Desgranando y definiendo la didáctica de la arqueología**  
*Alberto Polo Romero; Gemma Cardona Gómez; Alejandra Galmés Alba; David Javaloyas Molina; Irene Palomero Ilardia; Juan Ángel Martos Hermoso; Lorena Jiménez Torregrosa; Michael Remmy*
- 529 Introducción. Aclarando conceptos en didáctica de la arqueología  
*Alberto Polo Romero; Gemma Cardona Gómez*
- 531 *Manus manum lavat* – the idea of service-learning and research-based learning in archaeology  
*Michael Remmy*
- 533 Educación intergeneracional y Patrimonio Arqueológico. Una forma de mejorar los procesos educativos, el Patrimonio Holístico  
*Juan Ángel Martos Hermoso*
- 535 Abrid los libros y empezamos. Prehistoria y Arqueología a través de los libros de texto  
*Alejandra Galmés Alba; David Javaloyas Molina*
- 539 Experiencia en las aulas universitarias en Educación Primaria e Infantil: ¿Cómo preparar la visita a un museo arqueológico?  
*Irene Palomero Ilardia; Lorena Jiménez Torregrosa*
- 541 Discusión y conclusiones. Dibujando la didáctica de la arqueología  
*Gemma Cardona Gómez*
- 549 **¿De qué hablamos cuándo hablamos de paisaje?**  
*Alejandra Galmés Alba; María Isabel Escribano Castro; Alberto Polo Romero; Antonio J. Romero Alonso; Carlos Tejerizo García; Jorge Canosa-Betés; Josu Santamarina Otaola; Laia Gallego Vila; María José Carrilero Cuenca; Nahia Khiari Mtz. de Antoñana; Rafael Jiménez*
- 550 Introducción  
*Alejandra Galmés Alba; María Isabel Escribano Castro*
- 550 Píxeles, vectores y arqueólogos: usos y abusos de las tecnologías de información geográfica en arqueología del paisaje  
*Jorge Canosa-Betés*
- 552 Preposición paisaje  
*María José Carrilero Cuenca*
- 554 Paisajes culturales y el concepto holístico del patrimonio. Nuevos enfoques desde la didáctica del patrimonio  
*Alberto Polo Romero*
- 555 Construcción autoritaria del paisaje: zonificación en espacios de producción y reproducción  
*Laia Gallego Vila; Nahia Khiari Mtz. de Antoñana; Josu Santamarina Otaola*
- 557 De vueltas con el concepto de paisaje: una (otra) mirada a los paisajes contemporáneos. El caso de Peña Castrijo  
*Josu Santamarina Otaola; Carlos Tejerizo García; Antonio J. Romero Alonso; Rafael Jiménez*
- 560 Conclusiones: ¿Por qué hablamos de paisaje?  
*Alejandra Galmés Alba; María Isabel Escribano Castro*
- 567 **CGI storytelling in archaeological and cultural heritage public interpretation: scientific facts or Hollywood movies?**  
*Nicola Schiavottello; Carlos Carpetudo; Martino Correia; Pietro Viscomi; Ricardo Cabral; Sheila Palomares Alarcón*
- 568 Introduction  
*Nicola Schiavottello*
- 570 Santo André do Outeiro hermitage church: an example of virtual archaeology to promote public archaeology  
*Carlos Carpetudo*
- 576 Virtual reconstruction of the temple of Pax Iulia's forum (Beja, Portugal). Digital technologies as a bridge between public and cultural heritage  
*Martino Correia*
- 581 The virtual museum of the votive deposit of Garvão: an experimental approach towards interactive exhibitions  
*Ricardo Cabral*
- 584 Visions of industrial archaeology: from documental photography to the phenomenon of "Urbex"  
*Sheila Palomares Alarcón; Pietro Viscomi*

## APRESENTAÇÃO

Os encontros de Jovens em Investigação Arqueológica (JIA) são eventos científicos que têm como principal objectivo fomentar o contacto, a discussão e o conhecimento de trabalhos desenvolvidos por estudantes e investigadores não doutorados. Actualmente, as JIA constituem-se como um dos poucos fóruns arqueológicos direccionados para este público, procurando potenciar a qualidade científica dos seus trabalhos e constituir um espaço de debate e crítica, de reflexão e desconstrução de paradigmas. Desde o êxito do primeiro encontro em Madrid (2008), que a adesão continua a ser enorme por parte desta comunidade científica, demonstrando a necessidade de um evento desta natureza.

Distinguindo-se como um projecto itinerante a partir de 2009, as JIA tiveram continuidade em sucessivas reuniões anuais em Espanha e Portugal: Madrid (2009), Barcelona (2010), Faro (2011), Santiago de Compostela (2012), Barcelona (2013), Vitória-Gasteiz (2014) e Lisboa (2015). Ao longo destes anos o carácter ibérico das JIA consolidou-se, ainda que se tenha apostado continuamente, como maior ou menor eficácia, numa maior internacionalização do encontro, tentando atrair estudantes de outros pontos da Europa. Foi o caso desta edição de 2015, que incluiu contribuições do Reino Unido, Alemanha, Itália, Noruega, Países Baixos, Suíça, Áustria e Turquia. Consideramos que o futuro deverá prever a reflexão sobre o papel das JIA e sobre o espaço que querará ocupar no debate científico internacional.

Nos últimos anos, os temas abordados nas JIA têm mostrado profunda preocupação com o papel da arqueologia na sociedade e sua relação com outras ciências, numa resposta face à necessidade dos arqueólogos tornarem o seu trabalho científica e socialmente actual, revelante e comunicável. Com efeito, abordar e debater conceitos e métodos ligados à Educação Patrimonial, Arqueologia Pública ou Arqueologia Comunitária tornou-se cada vez mais urgente e recorrente, bem como o diálogo com outras disciplinas, especialmente as Novas Tecnologias.

Na oitava edição das JIA, um grupo de jovens investigadores do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM-FCSH/UNL-UAc) e do Instituto de Estudos Medievais (IEM-FCSH/UNL) procurou dar continuidade a esta reflexão, propondo o tema *Entre ciência e cultura: da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia*. Um dos principais objectivos foi promover a abertura do encontro a estudantes de outras áreas científicas cujo trabalho se envolvesse de algum modo com as práticas arqueológicas. Este propósito acabou por não ter o impacto esperado, já que as sessões foram essencialmente dinamizadas por arqueólogos, embora amiúde numa perspectiva de aproximação da arqueologia a outras ciências. Outro objectivo essencial da organização foi continuar o mérito contributo das JIA na divulgação da originalidade do trabalho de jovens investigadores, numa tentativa de projectar internacionalmente estudos de qualidade e rigor científico.

Assim, as jornadas contemplaram 98 comunicações e 20 *posters*, distribuídos por 13 sessões tradicionais, às quais se juntaram três mesas redondas, que colocaram lado a lado 20 tópicos de discussão. O formato de apresentação seguiu o modelo das anteriores edições das JIA, procurando dar espaço para a divulgação de trabalhos individuais nas sessões tradicionais, a par do debate dinamizado por vários investigadores nas mesas redondas. Deste conjunto foi possível publicar 68 artigos, aos quais se somaram os 13 textos de introdução de cada sessão e três textos das mesas redondas, que incorporam as conclusões do debate entre os seus intervenientes.

Destacam-se contributos em domínios de grande actualidade, como o recurso a novas tecnologias para o tratamento de dados arqueológicos, ressaltando-se a fotogrametria, a teledetecção, os SIG, a digitalização a laser, o LIDAR, a modelação e simulação 3D ou as bases de dados, amplamente apresentadas e debatidas em duas sessões, uma das quais dupla, e numa mesa redonda. Outra das questões mais enfatizadas foi o papel da educação patrimonial e da didáctica na apresentação da arqueologia às comunidades, sublinhando-se a aproximação ao público infanto-juvenil.

Reflectindo a urgência de debate entre a arqueologia e outras ciências, criaram-se sessões centradas em temáticas cronologicamente transversais, como a arqueologia urbana, a arqueologia marítima, a arqueologia da paisagem, a microarqueologia ou a zooarqueologia, sempre com a tónica da interdisciplinaridade. Noutra perspectiva, surgiram painéis subordinados a questões teórico-práticas cronologicamente enquadradas, desde a Pré-História à Idade Moderna, em que a análise da cultura material assumiu particular destaque.

As jornadas alcançaram, assim, uma vasta abrangência do universo de trabalho arqueológico, contando com contribuições importantes da investigação mais recente. Apesar de nos parecer que o caminho a percorrer na articulação entre a arqueologia e outras ciências é ainda longo, acreditamos que este evento e as actas que agora o materializam dão um importante passo na difusão de trabalhos rigorosos e inovadores que aplicam de forma prática os conceitos de inter e transdisciplinaridade, no sentido de tornar a nossa cultura e o nosso património pertinentes, presentes e socialmente indispensáveis.

Para terminar, não podemos deixar de agradecer a todos os que se envolveram no longo processo de preparação das VIII<sup>as</sup> JIA. Em primeiro lugar, às entidades que assumiram a organização do evento: a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na pessoa dos seus directores João Costa e Francisco Caramelo, e aos seus dois centros de investigação CHAM e IEM. Dentro destas instituições destacamos o apoio dado pelo Núcleo de Marketing e Comunicação da FCSH, bem como a Marta Fiolic e Patrícia Lucas, pelo apoio no registo em vídeo das comunicações. Em segundo lugar, agradecemos às entidades que patrocinaram estas jornadas, especialmente a Beta Analytic.

Ainda no âmbito da organização, uma palavra de gratidão aos membros do Comité Organizador: os colegas Alexandra Gomes, Ana Catarina Garcia, Andreia Torres, Catarina Meira, Cristóvão Fonseca, Elisabete Conceição, Fátima Claudino, Gabriel Souza, Gonçalo Correia Lopes, Joana Baço, Jorge Freire, José Bettencourt, Patrícia Carvalho, Raquel Lázaro, Regis Barbosa, Sílvia Casimiro e Tiago Silva. Neste plano, salientamos o empenho de André Teixeira e Catarina Tente, coordenadores dos grupos de arqueologia dos dois centros de investigação. Agradecemos também aos membros do Comité Científico, representantes de anteriores edições das JIA.

Por último, uma palavra de apreço a todos os coordenadores de sessões e mesas redondas, bem como a todos os participantes com comunicações e *posters* por terem assegurado que este fórum fosse palco de uma franca e aberta partilha de investigação e debate arqueológico.

OS COORDENADORES

## PRESENTATION

The Young Researchers in Archaeology (JIA) meetings are scientific events whose main objective is to promote the contact, the discussion and the knowledge of the developed studies by non-doctorate students and researchers. Nowadays, the JIA presents itself as one of the few archaeological forums directed for this type of audience, looking forward to potentiate the scientific quality of their work and to build a space for open debate, reflexion and the deconstruction of paradigms.

Since the success of the first conference in Madrid (2008), the adhesion of this scientific community continued to be very significant, demonstrating the need for an event of this nature. Distinguishing itself for being an itinerant project from 2009 onwards, the JIA went on with annual reunions in Spain and Portugal: Madrid (2009), Barcelona (2010), Faro (2011), Santiago de Compostela (2012), Barcelona (2013), Vítória-Gasteiz (2014) and Lisbon (2015). Through these years, the Iberian feature was consolidated although there was a continuous effort, with more or less efficiency, to capture students from other European locations for a bigger internationalization of the conference. This option enabled the 2015 edition of JIA to include participations from the United Kingdom, Germany, Italy, Norway, Netherlands, Switzerland, Austria and Turkey. Thus, we consider that the future must foresee a reflection on the JIA role and the place it wants to take on the international scientific debate.

In recent years, the themes approached in JIA have been showing a deep concern about archaeology's role in our society and its relationship with other sciences, as a response to the archaeologist's need to make their work scientific and socially current, relevant and communicable. Therefore, addressing and debating concepts and methods linked to Heritage Education, Public Archaeology or Community Archaeology became increasingly urgent and recurrent, as the dialog with other disciplines, especially the New Technologies.

In JIA's eighth edition a group of young researchers from CHAM (Centre for Global History, FCSH/UNL-UAc) and IEM (Institute of Medieval Studies, FCSH/UNL) sought to carry on this reflection, proposing as theme *Between Science and Culture: from interdisciplinarity to the transversality of archaeology*. One of our main goals was to encourage the involvement of students from other scientific fields whose work related to archaeological practices. This ambition ended up not having the impact we wanted, since the sessions were mainly organized by archaeologists, even though they considerably integrated the archaeological approach to other sciences. Another of our crucial aims was to continue JIA's meritorious contribution on the diffusion of young researchers' original studies, trying to internationally project papers defined by its quality and scientific accuracy.

Hence, the conference integrated 98 communications and 20 posters, distributed by 13 traditional sessions, followed by three roundtables, which put side by side 20 topics of discussion. This format mimicked the previous JIA's editions in an attempt to give stage to the disclosure of individual works in the traditional sessions and to the debate promoted by a group of researchers in the roundtables.

From this assemblage it was possible to publish 68 articles, to which were added the 13 introduction texts of each session, and the three roundtables' texts incorporating the concluding remarks of its participant's debate.

We shall highlight contributions in very topical areas such as the use of new technologies in order to process archaeological data, such as photogrammetry, remote sensing, GIS, laser scanning, LIDAR, 3D modelling and simulation, or databases, widely presented and discussed in two sessions, one of which was double, and a roundtable. Another of the most emphasized questions was the role of heritage education and didactics in the presentation of archaeology to the communities, underlining the approach to youth publics.

Reflecting the urgency of the discussion between archaeology and other sciences, some sessions were created focused on chronologically cross-cutting themes, such as urban archaeology, maritime archaeology, landscape archaeology, microarchaeology or zooarchaeology, always with an interdisciplinary emphasis. From another perspective, other panels emerged relating to theoretical and practical issues in a chronological frame, from Prehistory to the Early Modern Period, in which the analysis of material culture was particularly featured.

As a result, this JIA conference reached a wide range of archaeological work with important inputs from the most recent research. Although there is still a long way to go in the articulation between archaeology and other sciences, we believe this event and the current proceedings that now materialize it are an important step in the diffusion of pioneering works that apply the concepts of interdisciplinarity and transdisciplinarity, in order to make our culture and heritage relevant, present and socially indispensable.

Lastly we thank to all those who have been involved in preparing JIA's eight edition. First of all to the institutions that took over the organization of the event: the Faculty of Social Sciences and Humanities from the Universidade Nova de Lisboa, in the person of its directors João Costa and Francisco Caramelo; and the two research units CHAM and IEM. Within these institutions we highlight the support given by FCSH's Marketing and Communication Office, as well as Marta Fiolic and Patrícia Lucas by their support in the sessions' video recording. Secondly, we thank the institutions that sponsored JIA, particularly to Beta Analytic.

Also as part of the organization, a word of gratitude to the members of the Organizing Committee: the colleagues Alexandra Gomes, Ana Catarina Garcia, Andreia Torres, Catarina Meira, Cristóvão Fonseca, Elisabete Conceição, Fátima Claudino, Gabriel Souza, Gonçalo Correia Lopes, Joana Baço, Jorge Freire, José Bettencourt, Patrícia Carvalho, Raquel Lázaro, Regis Barbosa, Sílvia Casimiro and Tiago Silva. At this level, we emphasize the commitment of André Teixeira and Catarina Tente, coordinators of the archaeology groups of the two above mentioned research units. We are also grateful to the members of the Scientific Committee of the previous JIA's editions.

To end, a word of appreciation to all the coordinators of the sessions and roundtables, as well as to all participants with communications and posters for ensuring that this forum was an open and forthright space for archaeological discussion and sharing research.

THE COORDINATORS

# SOBRE OS PEQUENOS VASOS CARENADOS DO MEGALITISMO ALTO-ALENTEJANO

## QUESTÕES MORFOLÓGICAS E CRONOLOGIA

**MARCO ANTÓNIO ANDRADE** Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, marcoandrade@campus.ul.pt

**RESUMO** Entre meados do 4.º e meados do 3.º milénio a.n.e., na área alto-alentejana (sensivelmente coincidente com o actual distrito de Portalegre e parte do distrito de Évora), assiste-se ao desenvolvimento de uma sub-cultura megalítica derivada da super-cultura centro-alentejana (lida principalmente na presença de placas de xisto gravadas). A identidade própria desta sub-cultura alto-alentejana (designada como *Grupo Megalítico de Crato-Nisa*) entende-se pela presença (embora não exclusiva a esta área mas com evidente concentração nela) de itens votivos particulares: nomeadamente as placas de grés (enfatizando os exemplares esculpidos com motivos antropomórficos) e os vasos carenados assim designados como de tipo Crato/Nisa. Tratam-se de pequenos vasos de carena mais ou menos marcada, de diâmetro raramente excedendo os 12 cm, presentes na grande maioria dos contextos funerários escavados até ao momento no Alto Alentejo. As suas características morfológicas possibilitam a sua confusão com exemplares mais tardios (nomeadamente, as taças de tipo Atalaia da Idade do Bronze). No entanto, tratam-se de elementos claramente associáveis às comunidades megalíticas alto-alentejanas – dispendo-se de associações artefactuais e datações absolutas que o corroboram. Assim, esta contribuição pretende apresentar algumas considerações sobre questões morfológicas e cronológicas a respeito do estudo destes recipientes.

**PALAVRAS CHAVE** Megalitismo, Neolítico/Calcolítico, Alto Alentejo, vasos carenados

**ABSTRACT** Between the mid 4<sup>th</sup> and the mid 3<sup>rd</sup> millennium BCE, in the region of North Alentejo, one can attest to the development of a megalithic sub-culture derived from the Central Alentejo megalithic super-culture (mainly evident in the presence of engraved schist plaques). The very identity of this North Alentejo megalithic sub-culture (designated as *Megalithic Group of Crato-Nisa*) is understood by the presence (though not exclusive to this area but with an evident concentration in it) of particular votive items, namely the sandstone plaques (with emphasis on the carved specimens with anthropomorphic motifs) and the carinated bowls designated as Crato/Nisa type. These are small bowls with a more or less pronounced carina, rarely exceeding 12 cm in diameter, identified in the large majority of the funerary contexts excavated till the present date in North Alentejo. Their morphological features allow their confusion with later vessels (namely the representative Atalaia type bowls from the Bronze Age). However, these are elements clearly assignable to the North Alentejo megalithic communities, found in association with other characteristic artefacts, providing also absolute dating that allows confirming this fact. Therefore, this contribution aims to present some remarks on the morphological and chronological issues concerning these vessels.

**KEYWORDS** Megalithism, Neolithic/Chalcolithic, North Alentejo, carinated bowls

### O MEGALITISMO ALTO-ALENTEJANO, EM VOO DE PÁSSARO: CARACTERÍSTICAS GERAIS E ESPÓLIOS VOTIVOS

Na área norte alentejana, enquadrada pelas serras de São Mamede e Ossa, encontram-se referenciadas várias centenas de monumentos megalíticos. Incluem-se no que comumente se designa como *Grupo Megalítico de Crato-Nisa*, principalmente caracterizado pelos monumentos das áreas da bacia do Sever e Crato (Oliveira, 1998; Parreira, 1996). Percebe-se aqui uma interessante diversidade em termos arquitectónicos, sendo este polimorfismo provavelmente explicado tanto por factores

cronológicos como por factores culturais. Com efeito, reconhecem-se nesta área desde os pequenos sepulcros «proto-megalíticos» até aos grandes monumentos de Câmara e Corredor diferenciados (estando ausentes, até ao momento, os *tholoi*).

Poucos monumentos foram objecto de trabalhos de escavação recentes, nomeadamente aqueles incluídos na Coudelaria de Alter do Chão (Oliveira, 2006), na necrópole da Rabuje (Boaventura, 2006) e Currais do Galhordas (Monteiro-Rodrigues, 2013). A disponibilidade de conjuntos votivos contextualizados e datações radiocarbónicas associáveis, apesar das precauções devidas à exiguidade da amostra, permitem seriar a construção e uso dos monu-

mentos megalíticos no Alto Alentejo. Desta maneira, dois momentos crono-culturais genéricos são reconhecidos.

O primeiro momento, aqui representado pelo monumento de Rabuje 5 (Boaventura, 2006), está balizado entre o segundo e o último quartel do 4.º milénio a.n.e., caracterizando-se por pequenos monumentos «proto-megalíticos» fechados ou pequenos monumentos de Corredor incipiente, com mobiliários votivos simples compostos por escassa ou inexistente cerâmica, geométricos, pequenas lâminas de sílex não retocadas e artefactos de pedra polida (machados de secção maioritariamente circular e enxós); o segundo momento, representado (entre outros) pelo monumento da Horta (Oliveira, 2006), está balizado entre o último quartel do 4.º milénio e meados do 3.º milénio a.n.e., caracterizando-se por monumentos de Câmara e Corredor diferenciado, de média e grande dimensão, por vezes com Corredor longo, com mobiliários votivos complexos compostos por cerâmica abundante, peças líticas bifaciais (pontas de seta e dardo, punhais, alabardas), lâminas de sílex retocadas, placas votivas e artefactos de pedra polida (machados de secção maioritariamente rectangular e um maior número de enxós).

Embora sejam evidentes relações com outros grupos megalíticos do Sudoeste peninsular (principalmente o grupo do Alentejo central, da linha Montemor-Évora-Reguengos e particularmente evidente nas áreas de Mora e Montemor-o-Novo), o *Grupo Megalítico de Crato-Nisa* assume-se como um núcleo com uma identidade própria relativa, particularmente a partir dos últimos séculos do 4.º milénio a.n.e.. Como artefactos votivos característicos, destacam-se as placas de grés (lisas de contorno hiperbolóide ou esculpidas com motivos antropomórficos), as pontas de seta de base triangular ou convexa (aparentemente escassas no contexto megalítico do Alentejo Central) e os pequenos vasos carenados designados como de *tipo Crato/Nisa*.

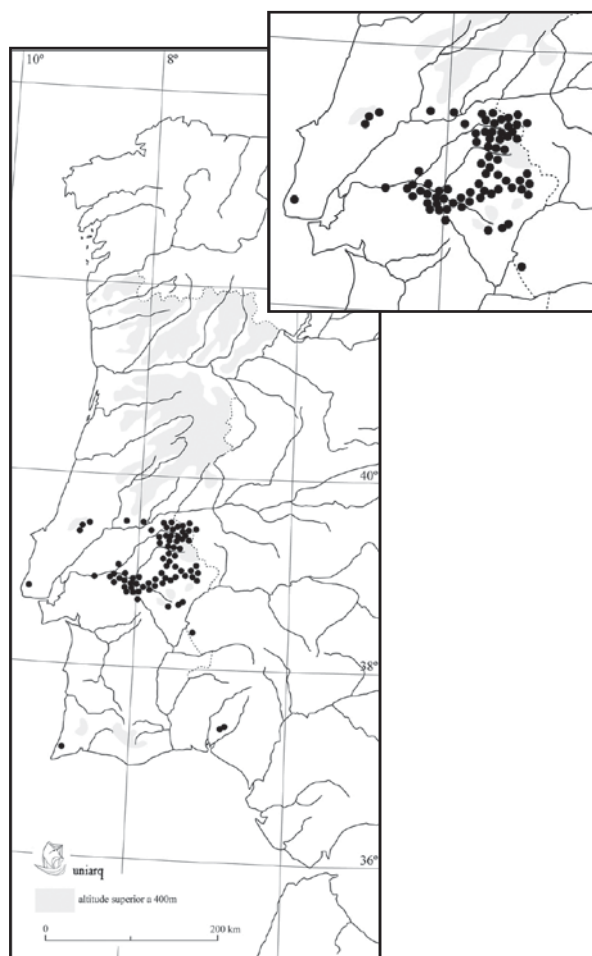
### OS RECIPIENTES CERÂMICOS DE TIPO CRATO/NISA: CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS, ATRIBUTOS MORFO-MÉTRICOS E ELEMENTOS DECORATIVOS

Conceito primeiramente utilizado por V. S. Gonçalves e colaboradores a respeito dos pequenos vasos carenados da anta de Penedos de São Miguel (Gonçalves *et al.*, 1981), o recipiente assim designado refere-se a um pequeno vaso carenado, de carena mais ou menos marcada, cujo diâmetro raramente excede os 12 cm – tendo sido assim designados devido à sua relativa frequência nos contextos funerários dos grupos megalíticos alto-alentejanos, entre Crato e Nisa (sendo menos frequentes, embora presentes, nos grupos da linha Montemor-Évora-Reguengos ou noutros grupos do Sudoeste peninsular) (figura 1). A sua presença é por vezes significativa dentro dos conjuntos cerâmicos de cada monumento, principalmente evidente nas antas de Ordem 1 (31% do total dos recipientes), São Lourenço 1 (42% do total dos recipientes), Entreáguas 1 (55% do total dos recipientes), Romeiras (57% do total dos recipientes) ou Alter do Chão (70% do total dos recipientes).

Para a definição das particularidades destes recipientes (a nível de tipologia, morfo-metria e decoração), foi analisado um universo de 60 recipientes, provenientes de monumentos megalíticos das áreas de Crato, Alter do Chão, Avis, Mora e Montemor-o-Novo.

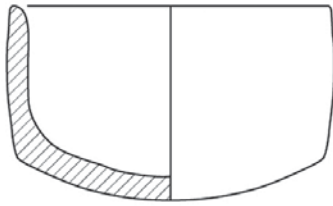
Dadas as suas características morfológicas específicas, podem ser genericamente divididos em três variantes (independentemente de se tratarem de formas abertas ou fechadas): Variante 1 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo cilíndrico (paredes rectas verticais); Variante 2 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo troncocónico (paredes rectas envasadas); Variante 3 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo hiperbolóide (paredes exvasadas) (figuras 2 e 3).

Em termos de fabrico, estes recipientes apresentam genericamente pastas semi-compactas a compactas, de textura homogénea, com cozeduras e arrefecimentos tanto redutores como oxidantes, com abundantes componentes não plásticos de fino calibre (grãos de quartzo sub-rolados a angulosos, feldspatos, moscovites e, em menor número, biotites, hematites, óxidos de ferro e elementos orgânicos), sendo as suas superfícies maioritariamente alisadas (por vezes aproximando-se de polido).

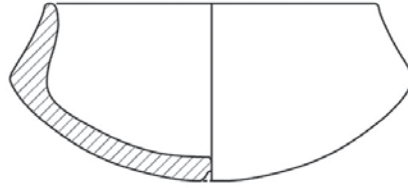


1. Distribuição dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa em contextos funerários do Sudoeste peninsular, de acordo com os dados disponíveis. Nota-se a evidente concentração na área alto-alentejana, sendo que os «vazios» observados nas áreas das Ribeiras da Seda e Sor se devem provavelmente à carência efectiva de trabalhos de escavação (no primeiro caso) e à ausência de sepulcros reconhecidos (no segundo caso).

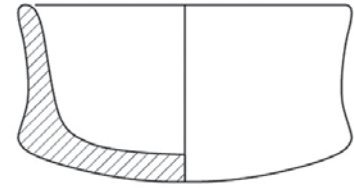
Variante 1



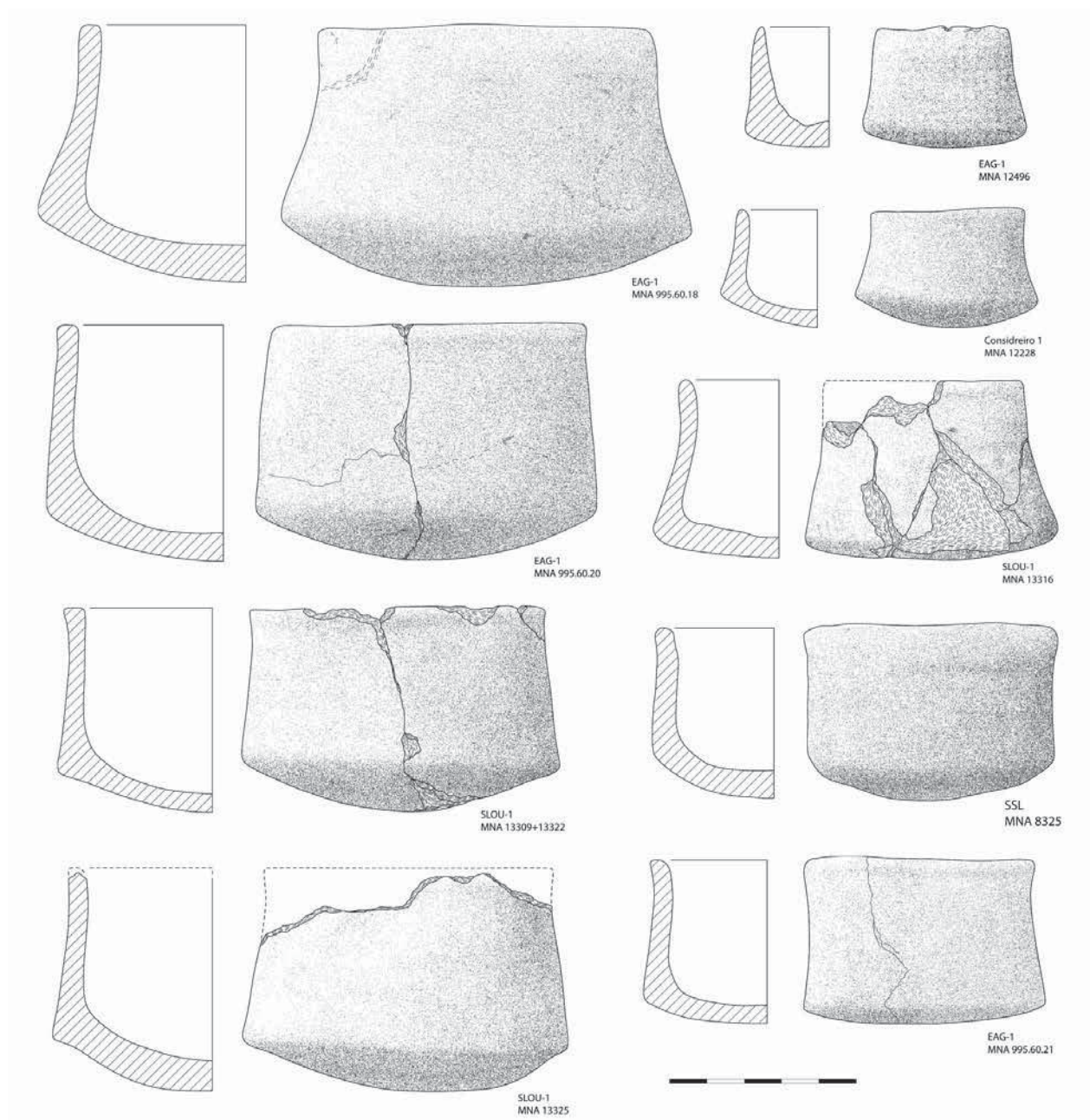
Variante 2



Variante 3



2. Variantes morfo-tipológicas dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa. Variante 1: recipientes de fundo convexo ou plano-convexo e corpo cilíndrico (paredes rectas verticais); Variante 2: recipientes de fundo convexo ou plano-convexo e corpo troncocónico (paredes rectas envasadas); Variante 3: Vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo hiperbolóide (paredes exvasadas).



3. Alguns exemplos de recipientes carenados de tipo Crato/Nisa, de diferentes dimensões, recolhidos em monumentos megalíticos alto-alentejanos: Entreáguas 1, Mora (MNA 995.60.18, 995.60.20, 995.60.21 e 12496); São Lourenço 1, Crato (MNA 13316, 13309+13322 e 13325); Cabeço do Considero 1, Mora (MNA 12228); Cabeça da Ovelha, Sousel (MNA 8325).

A nível morfo-métrico, regista-se uma larga maioria de recipientes em que a relação diâmetro/altura se distribui entre 6-11 cm de diâmetro para entre 4-7 cm de altura. Em termos estatísticos, e no geral do conjunto analisado, a altura total corresponde em média a  $\pm 2/3$  do diâmetro externo. Regista-se igualmente uma larga maioria de recipientes com capacidades compreendidas entre 100 e 300 ml, com representatividade relativa de recipientes com capacidade inferior a 100 ml e com capacidade entre 300 e 400 ml. Recipientes com capacidade superior a 400 ml (e principalmente, superiores a 500 ml) poderão ser considerados como *outliers* (gráficos 1 e 2).

Um elemento claramente dissidente deste grupo genérico encontra-se no vaso da anta da Moita 1 (MNA 45194), sendo notória a preeminência do seu diâmetro e a excessiva altura do colo. Não se trata propriamente de um recipiente de *tipo Crato/Nisa* típico, podendo ser assumido como uma variante excepcional.

A nível decorativo, registam-se exemplares de vários tipos (figuras 4 e 5). A decoração incisa está representada por escassos exemplares, destacando-se os recipientes da anta da Horta (AH 216; Oliveira, 2006, p. 139) e *tholos* do Escoural (MNA 70063; Santos e Ferreira, 1969, p. 51, fig. 5), cujo motivo decorativo é composto por uma linha incisa vertical central ladeada por incisões oblíquas/horizontais, lembrando as representações da «Árvore da Vida», os «ramiformes» da arte rupestre esquemática neo-calcolítica.

A decoração impressa encontra-se representada principalmente por composições de impressões lineares com matriz denteada (obtidas com pente) formando colunas verticais dispostas ao longo do colo do recipiente, por vezes delimitadas por incisões verticais, de que são exemplo os recipientes das antas de Alter do Chão (MNA 2003.73.16; Andrade, 2014, p. 41, fig. 6), Romeiras (AR-6 e AR-5; Gonçalves e Andrade, 2014, p. 68, fig. 7) e Tapias 1 (Bueno Ramírez, 1988, p. 129, fig. 188). Motivo menos comum encontra-se representado

no vaso da anta Oeste da Estrada de Montemor (MNA 2004.382.13), composto por impressões formando composições curvilíneas dispostas no colo do recipiente (motivo debatido mais à frente).

A decoração plástica, mais comum, encontra-se representada por múltiplas variantes: pares de mamilos aplicados sobre o colo ou sobre a carena, tipo mais usual com numerosos exemplos conhecidos (sendo desnecessário citá-los a todos); conjuntos de três ou mais mamilos aplicados sobre o colo, formando composições geométricas, de que são exemplo os recipientes de Monforte ou Elvas (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 8) e Ordem 1 (MNA 998.78.21); cordões rectilíneos verticais aplicados sobre o colo, exemplificado pelos recipientes das antas de Ordem 1 (MNA 998.78.76 e 12955) e Carvalho 1 (MNA 2013.3.255); cordões curvilíneos aplicados sobre o colo, configurando a representação de Arcadas Supraciliares (embora algumas composições se assemelhem à representação de enxós ou báculos opósitos), representados entre outros nos recipientes de Casa Branca 3 (MNA 995.76.32), Caeira 7 (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 30), Comenda da Igreja 1 (MNA 7339 e 2001.54.3, este último associado a par de mamilos) e Amendoeira 2 (MNA 2004.237.1); fiadas curvilíneas de mamilos aplicados sobre o colo, configurando a representação de Arcadas Supraciliares, reconhecido no recipiente da anta da Horta (AH 186, Oliveira, 2006, p. 128).

Os dois últimos tipos serão debatidos mais à frente, a respeito da iconografia específica patente nestes recipientes.

### PROBLEMÁTICAS DE ESTUDO: OS VASOS DE TIPO ATALAIÁ DA IDADE DO BRONZE

Morfologicamente, os pequenos vasos carenados de *tipo Crato/Nisa* poderão ser confundidos com exemplares mais tardios, nomeadamente as taças de *tipo Atalaia* do Bronze do Sudoeste. No entanto, e apesar

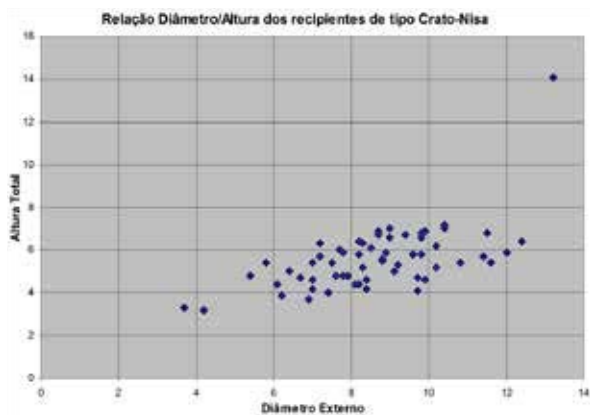


Gráfico 1. Relação do Diâmetro/Altura (em cm) dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa, lida num universo de 60 recipientes recolhidos em monumentos megalíticos das áreas de Crato, Alter do Chão, Avis, Sousel, Estremoz e Montemor-o-Novo.

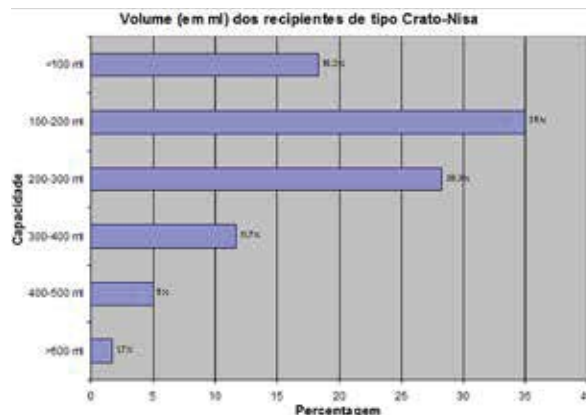
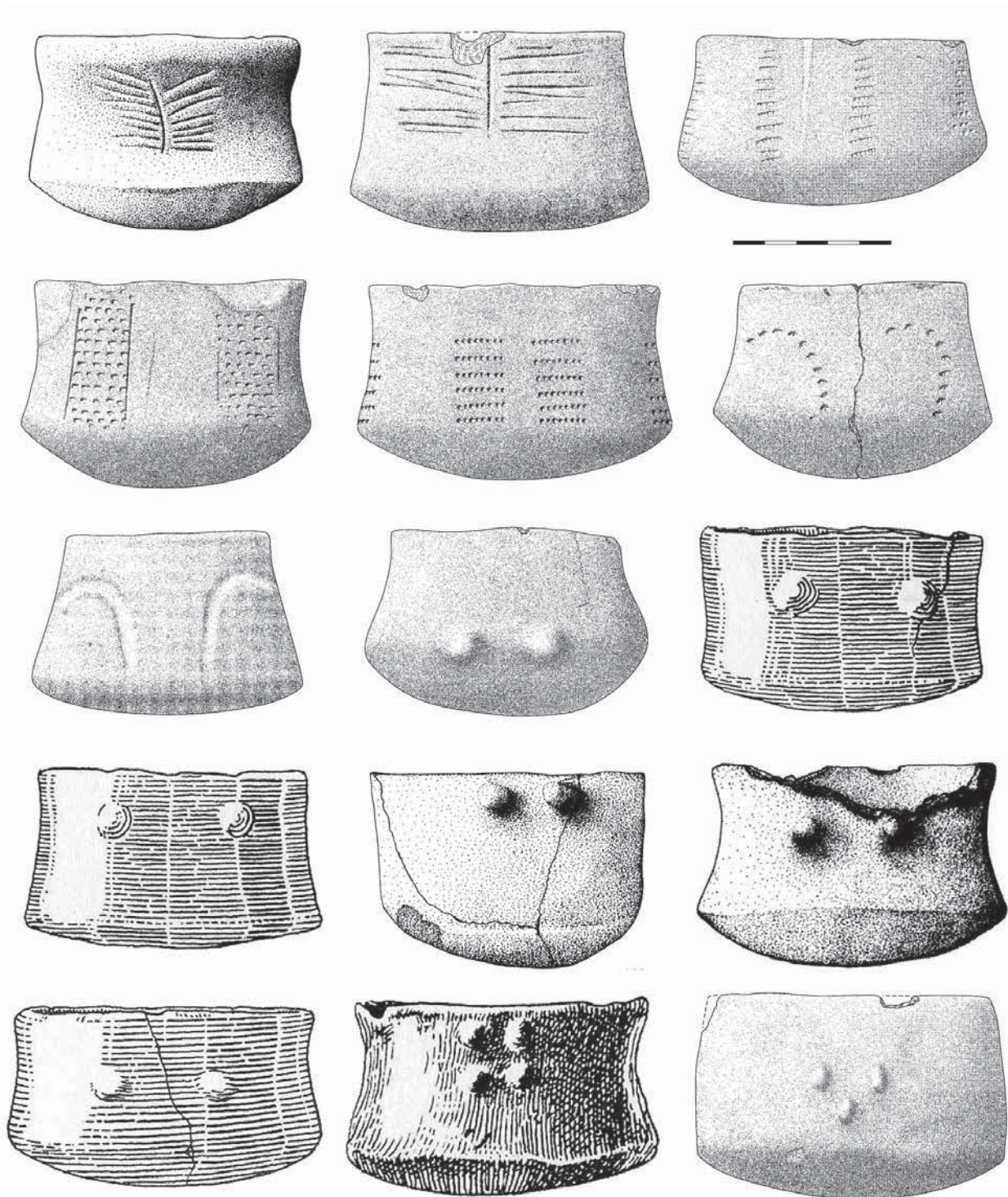
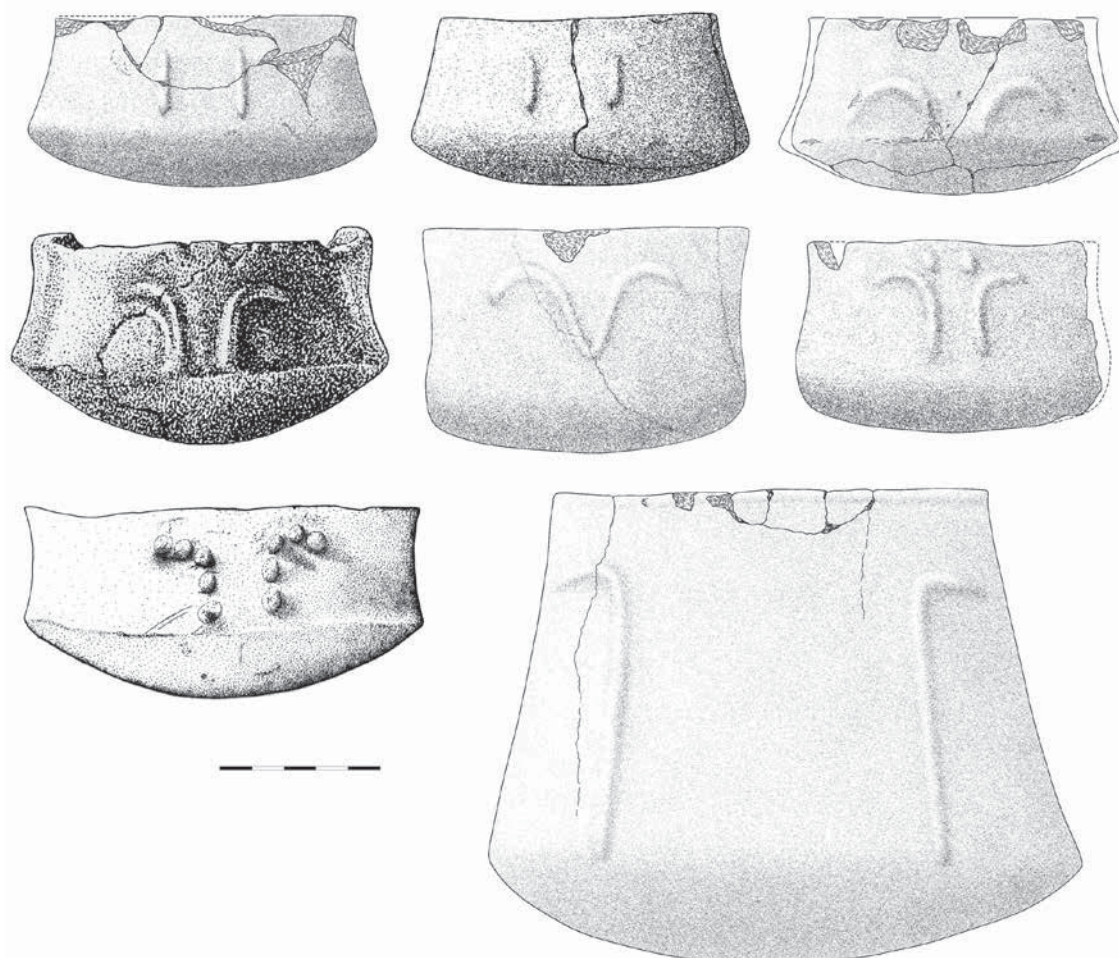


Gráfico 2. Relação percentual da capacidade (em mililitros) dos recipientes carenados de tipo Crato/Nisa, lida num universo de 60 recipientes recolhidos em monumentos megalíticos das áreas de Crato, Alter do Chão, Avis, Sousel, Estremoz e Montemor-o-Novo.



4. Elementos decorativos reconhecidos em vasos carenados de tipo Crato/Nisa. Decoração incisa: Horta, Alter do Chão (AH 216, adaptado de Oliveira, 2006, p. 139); Escoural, Montemor-o-Novo (MNA 70063). Decoração impressa: Romeiras, Crato (AR-6 e AR-5, adaptado de Gonçalves e Andrade, 2014, p. 68, fig. 7); Alter do Chão (MNA 2003.73.16, adaptado de Andrade, 2014, p. 41, fig. 6); Oeste da Estrada de Montemor, Coruche (MNA 2004.382.13). Decoração em «baixo-relevo»: Carvalho 1, Mora (MNA 2013.3.249). Decoração plástica, pares de mamilos aplicados sobre o colo ou sobre a carena: Romeiras, Crato (AR-7, adaptado de Gonçalves e Andrade, 2014, p. 68, fig. 7); Casa Branca 3, Mora (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 20); Alcolgulo 2, Castelo de Vide (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 3); Horta, Alter do Chão (AH 222 e AH 220, adaptado de Oliveira, 2006, p. 122 e p. 126); Casa Branca 3, Mora (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 20); Monforte ou Elvas (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 8); Ordem 1, Avis (MNA 998.78.21).



5. Elementos decorativos reconhecidos em vasos carenados de tipo Crato/Nisa. Decoração plástica, cordões rectilíneos verticais aplicados sobre o colo: Ordem 1, Avis (MNA 998.78.76 e 12955). Decoração plástica, cordões curvilíneos aplicados sobre o colo: Casa Branca 3, Mora (MNA 995.76.32); Caeira 7, Arraiolos (adaptado de Leisner e Leisner, 1959, Taf. 30); Comenda da Igreja 1, Montemor-o-Novo (MNA 7339 e 2001.54.3). Decoração plástica, fiadas curvilíneas de mamilos aplicados sobre o colo: Horta, Alter do Chão (AH 186, adaptado de Oliveira, 2006, p. 128). Apresenta-se igualmente o vaso da anta de Moita 1, Mora (MNA 45194), afim dos recipientes de tipo Crato/Nisa.

de obedecerem aos mesmos critérios estilísticos genéricos, são evidentes as diferenças morfológicas entre ambos tipos, a nível de tipologia, de pastas e de acabamentos – perfeitamente reconhecíveis quando se regista num mesmo monumento a presença de recipientes de ambos tipos (como Ordem 1, São Lourenço 1 ou Alcogulo 3, por exemplo, onde as taças de *tipo Atalaia* apresentam carenas mais vincadas, pastas mais depuradas e acabamentos polidos, quase aproximando-se de brunido, ou com aguadas alaranjadas). Com efeito, a presença destes pequenos vasos carenados designados como de *tipo Atalaia* é particularmente abundante em contextos funerários da Idade do Bronze inicial e pleno (Schubart, 1965 e 1975), apresentando-se aqui como modelo os exemplares das necrópoles da área de Sines (Silva e Soares, 1981) (figura 6).

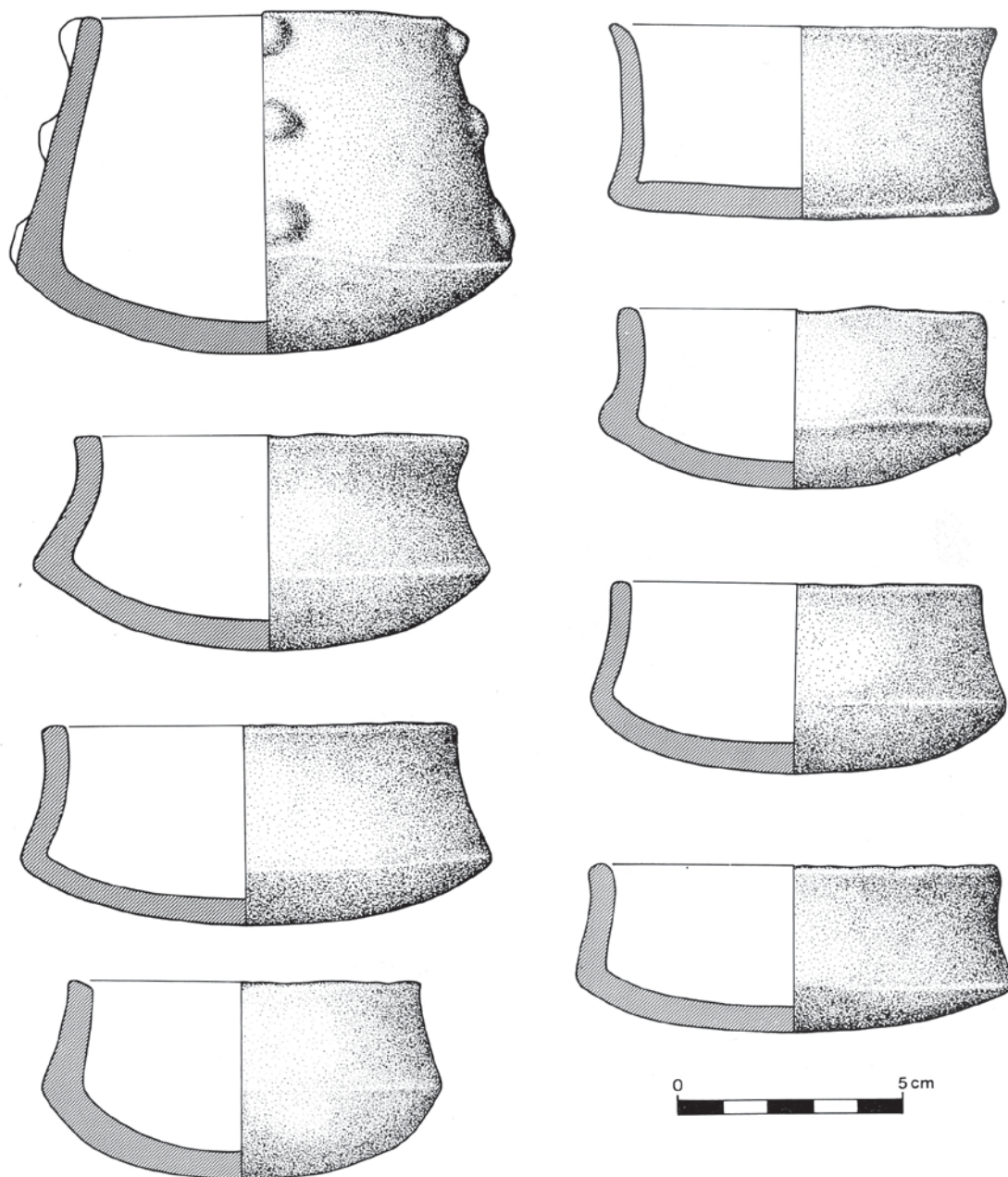
No entanto, os pequenos vasos carenados estão presentes na larga maioria dos contextos megalíticos de finais do 4.<sup>o</sup>/primeira metade do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e. no Alto Alentejo escavados até ao momento, parecendo abusivo defender que todos terão reutilizações da Idade do Bronze. Dispõe-se igualmente de datações absolutas de contextos com vasos de *tipo Crato-Nisa*, assim como de associações artefactuais com outros elementos característicos

de finais do 4.<sup>o</sup>/primeira metade do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e. Da mesma maneira, os componentes iconográficos que alguns destes vasos de *tipo Crato/Nisa* apresentam, igualmente atribuíveis a finais do 4.<sup>o</sup>/primeira metade do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., ratificam a sua definição cronológica precisa. São estes temas a debater no ponto seguinte.

Todavia, não se nega que alguns destes monumentos tenham efectivamente reutilizações durante a Idade do Bronze; contudo, e como referido, quando estas ocorrem são perfeitamente reconhecíveis, tendo em conta o contexto em que se inserem.

Citando os exemplos, na área alto-alentejana, das antas de Cabeçuda, Castelhanas, São Gens 2 e Bola da Cera, as efectiva taças de *tipo Atalaia* surgem associadas a outros recipientes típicos da Idade do Bronze, como o são os vasos de ombro e os vasos carenados com asa aplicada sobre o colo; dispõe-se igualmente de datações absolutas que confirmam esta atribuição cronológica (Oliveira, 1998; cf. também Mataloto, 2005 e 2007; Mataloto *et al.*, 2013).

Embora as datações obtidas para a anta da Cabeçuda forneçam intervalos balizados entre 2396-1697 Cal BC 2σ e 2280-1977 Cal BC 2σ (respectivamente, ICEN-977: 3650±110 BP e ICEN-979: 3720±45 BP, segundo Jorge



6. Recipientes carenados de tipo Atalaia, da Idade do Bronze, recolhidos nas necrópoles de Quitéria e Provença, Sines (adaptado de Silva e Soares, 1981, p. 161-165, figuras 140-145). De notar, à parte algumas particularidades formais, a efectiva analogia com os vasos carenados de tipo *Crato/Nisa*.

Oliveira (1998, p. 616); datações recalibradas em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c), podendo fazer recuar estas utilizações até ao Calcolítico final ou a um momento preambular da Idade do Bronze inicial – ao designado «Horizonte da Ferradeira» (Schubart, 1971) – a datação obtida para a anta das Castelhanas coloca a sua reutilização numa fase plena da Idade do Bronze, nomeadamente entre 1657-1309 Cal BC 2σ (OxA-5432: 3220±65 BP, segundo Jorge Oliveira (1998, p. 616); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Como se denota, tratam-se inequivocamente de contextos cronológicos e culturais diferenciados daqueles onde se recolheram efectivamente vasos de *tipo Crato/Nisa* (como se verá abaixo).

Da mesma maneira, a utilização da Idade do Bronze registada na anta de Bola da Cera é estratigraficamente diferenciável das utilizações iniciais do Neolítico final/Calcolítico inicial, sendo perfeitamente perceptível que vasos correspondem a que «horizonte estratigráfico», não tendo sido os depósitos iniciais neo-calcolíticos perturbados pelas deposições da Idade do Bronze (Oliveira, 1998, p. 477-478).

Embora se possam evocar também, para além dos morfológicos, os paralelos decorativos (como os pares de mamilos), esta semelhança parece ser apenas casual. Os recipientes decorados com colunas verticais de três mamilos aplicados sobre o colo, como o da necrópole da Quitéria (Silva e Soares, 1981, p. 165, fig. 145), apresentam semelhanças com outros recolhidos

em contextos exclusivos do Neolítico final/Calcolítico, como na necrópole de Monte da Barca (Gonçalves, 2011, p. 157, fig. 6.4). E, neste último sítio, nada permite apontar utilizações da Idade do Bronze, seja pela tipologia do contexto propriamente dita, seja pelas características artefactuais do «pacote votivo» em que este vaso se encontrava inserido...

### CONTEXTOS CRONO-CULTURAIS: CRONOLOGIA ABSOLUTA, ASSOCIAÇÕES ARTEFACTUAIS E ICONOGRAFIAS

Como dito, três factores fundamentais são de considerar na atribuição crono-cultural destes recipientes: a sua quase omnipresença em contextos sepulcrais construídos e utilizados em finais do 4.º milénio a.n.e. e primeira metade do seguinte; as associações artefactuais e consequentes datações absolutas obtidas com escavações recentes; a própria iconografia e imagética que alguns destes elementos ostentam.

Em relação ao primeiro factor, parece-me uma coincidência extrema que todos os monumentos megalíticos datáveis da transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e. escavados até ao momento no Alto Alentejo tenham reutilizações da Idade do Bronze (já que todos, ou praticamente todos, forneceram estes pequenos vasos carenados). É certo que eles existem (como Ordem 1 ou São Lourenço 1, onde se recolheram vasos de *tipo Crato/Nisa* e taças de *tipo Atalaia*, sendo evidente as divergências morfológicas entre ambos tipos), mas pensar que todos tiveram reutilizações da Idade do Bronze parece-me já um pouco abusivo.

Sobre o segundo factor, estes recipientes encontram-se incluídos em conjuntos onde figuram placas de xisto gravadas, placas de grés esculpidas, pontas de seta de retoque bifacial cobridor e lâminas retocadas – elementos com um enquadramento crono-cultural bem delimitado (3200-2600 BCE). Ratificando esta associação, a escavação recente da anta da Horta (Oliveira, 2006) possibilitou a identificação, especialmente à entrada do Corredor, de vasos carenados de *tipo Crato/Nisa* associados a placas de grés e placas de xisto (incluindo com figuração antropomórfica), artefactos de pedra polida, pontas de seta de base convexa e triangular e alguns ossos humanos. A datação absoluta conseguida sobre amostra destes ossos humanos permitiu enquadrar esta deposição num intervalo entendido entre 2898-2627 Cal BC 2σ (Beta-194312: 4190±50, segundo Jorge Oliveira (2006, p. 109); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c), sendo assim axiomática a sua atribuição cultural por inerência de contexto.

Embora este seja o exemplo mais expressivo, outros contextos estão disponíveis para a ratificação desta atribuição cronológica. No mesmo monumento da Horta, na área da Câmara, os vasos de *tipo Crato/Nisa* (incluindo exemplares mamilados) surgem estratigraficamente associados a placas de xisto gravadas e placas grés esculpidas, estando este nível de utilização datado de entre 3325-2900 Cal BC 2σ (Beta-194313: 4390±50 BP, segundo Jorge Oliveira (2006, p. 109);

datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Em Coureiros 4, os vasos de *tipo Crato/Nisa* encontram-se associados a placas de xisto gravadas, no nível de base do Corredor datado de 3338-2471 cal BC 2σ (ICEN-976: 4240±150 BP, segundo Jorge Oliveira (1998, p. 616); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Na já referida anta de Bola da Cera, os vasos de *tipo Crato/Nisa* registam-se no nível de base da Câmara, estratigraficamente diferenciável da reutilização da Idade do Bronze (e não afectado por esta), e associados as placas antropomórficas, com datação correspondente a 3264-2887 cal BC 2σ (ICEN-66: 4360±50 BP, segundo Jorge Oliveira (1998, p. 616); datação recalibrada em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). Tratam-se, como se denota, de contextos cronológicos perfeitamente discrimináveis daqueles referidos acima para monumentos com reutilizações da Idade do Bronze (gráfico 3).

A sua presença em povoados do Neolítico final/Calcolítico inicial está igualmente atestada (embora, até ao momento, em escassos casos e curiosamente exteriores à área fulcral de dispersão destes recipientes), registando-se nos sítios de Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues, 2015) e Serra das Éguas (Bubner, 1979, p. 50) – neste último caso com motivos decorativos análogos aos registados nos vasos alentejanos (cordões curvilíneos opósitos).

A respeito do último factor, a iconografia e imagética que alguns destes elementos apresentam (nomeadamente a representação de Arcadas Supraciliares ou Sobrancelhas) referem-se à simbólica distintiva da Deusa-Mãe neolítica e calcolítica, igualmente representada em outros elementos indubitavelmente atribuíveis a finais do 4º/primeira metade do 3.º milénios a.n.e., como

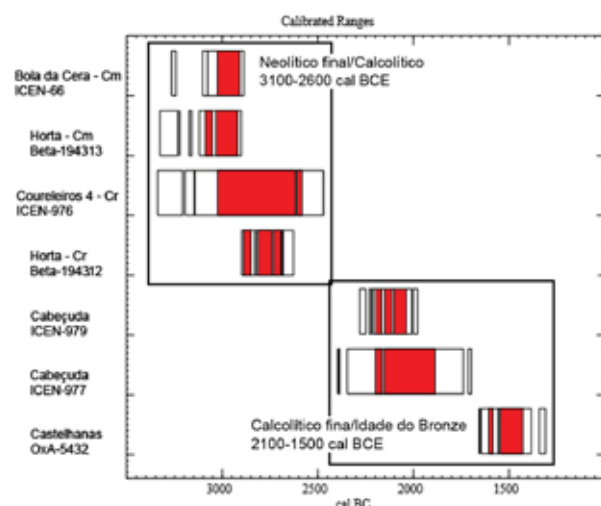


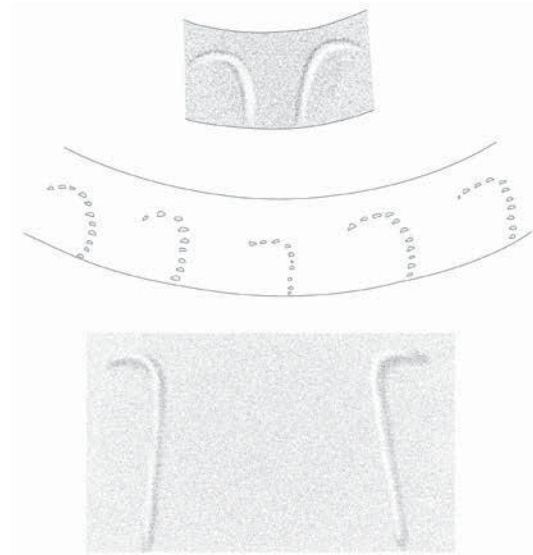
Gráfico 3. Datações <sup>14</sup>C para monumentos megalíticos alto-alentejanos com recipientes carenadas de tipo Crato/Nisa e de tipo Ferradeira ou Atalaia (datações de Bola da Cera, Coureiros 4, Cabeçuda e Castelhanas segundo Oliveira, 1998; datações de Horta segundo Oliveira, 2006), indicando-se a crono-cultura genérica em que se incluem (com base no espólio associado). Datações recalibradas em 2016 com recurso ao programa Calib 7.0.1 (© M. Stuiver e P. Reimer, 2013), utilizando a curva IntCal13.14c (Reimer et al., 2013, Radiocarbon 55: 4). Intervalo 2σ com 95,4% de probabilidade.

o são os artefactos votivos de calcário, as placas de xisto gravadas, as placas de grés esculpidas ou os recipientes cerâmicos com decoração simbólica (figuras 7 e 8).

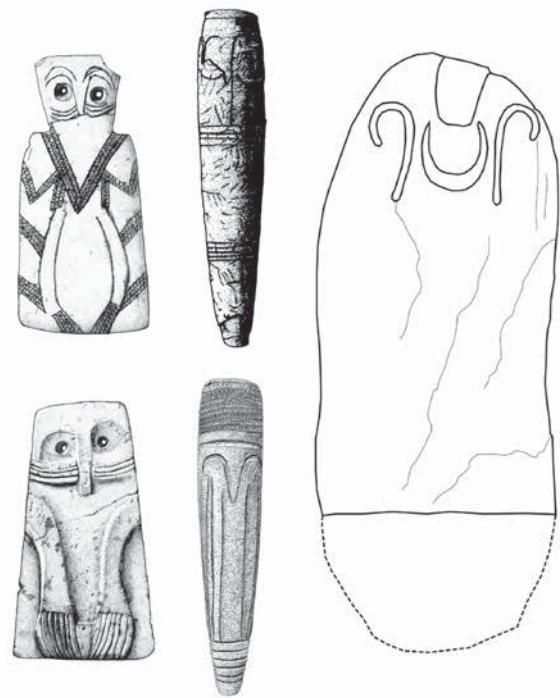
Assim, as representações curvilíneas (compostas por cordões plásticos, fiadas de mamilos ou em «baixo relevo») que figuram no colo dos vasos de Casa Branca 3 (MNA 995.76.32), Caeira 7 (Leisner e Leisner, 1959, Taf. 30), Comenda da Igreja 1 (MNA 7339 e 2001.54.3), Amendoeira 2 (MNA 2004.237.1), Horta (AH 186, Oliveira, 2006, p. 128) ou Carvalho 1 (MNA 2013.3.249), poderão ser equiparadas às representações faciais esquemáticas (com indicação de Nariz e Sobrancelhas ou Arcadas Supraciliares) dos artefactos acima listado – destacando-se os betilos de Correio-Mor (Cardoso *et al.*, 1995, p. 107, fig. 10), Casainhos (Leisner, 1965, Taf. 23) ou Lisboa (Santos, 1970), as placas de xisto e grés da anta da Horta (Oliveira, 2006) ou Lapa da Galinha (Gonçalves *et al.*, 2014), e o recipiente cerâmico do *tholos* de Monte do Outeiro (Leisner, 1965, Taf. 128). Da mesma maneira, algumas destas representações podem ser interpretadas como a representação de báculos (ou enxós) – opósitos nos casos acima mencionados ou orientados no mesmo sentido no caso do vaso da anta Oeste da Estrada de Montemor (MNA 2004.382.13). Assim sendo, estes elementos associam-se indiscutivelmente às comunidades megalíticas do Neolítico final e Calcolítico – seja pelos artefactos propriamente ditos, como pela sua representação (no caso dos báculos) na arte rupestre neo-calcolítica ou menires crono-culturalmente equiparáveis. Particularmente no menir 18 do recinto de Vale Maria do Meio, um par de báculos opósitos surge ladeando uma lúnula encimada por motivo rectangular (Calado e Rocha, 2010, p. 30, fig. 4.6). Se alhearmos esta representação do motivo central, é notoriamente a sua semelhança com aquela representada nos vasos de *tipo Crato/Nisa* acima enunciados – e especialmente evidente na variante do vaso da anta da Moita 1 (MNA 45194), que, no entanto, são igualmente semelhantes a certas representações faciais esquemáticas, como a patente numa das placas de xisto gravadas da anta de Cavaleiros 1, por exemplo.

Assim, os paralelos morfo-tipológicos não permitem, por si só e a meu ver, considerar tanto vasos de *tipo Crato/Nisa* como vasos de *tipo Atalaia* como integráveis dentro de um mesmo patamar crono-cultural. Tomemos um exemplo arqueológico concreto: a produção de pontas com adelgaçamento bifacial, desenvolvida durante o Solutrense médio e superior, é completamente abandonada no tecno-complexo subsequente, voltando a surgir exponencialmente durante o Calcolítico; contudo, no domínio pleno das nossas faculdades intelectuais, nunca consideraríamos como calcolíticas as folhas de loureiro e as folhas de salgueiro, nem sequer as pontas Parpalló, mesmo que em rigor obedecem exactamente, qualquer uma delas, a estratégias de facetagem semelhantes.

Poderá assim tratar-se somente de uma reinvenção de formas, em que se reproduzem maquinalmente tipos formais já produzidos em etapas cronológicas antecedentes. O acaso conceptual, embora com as reservas devidas a uma leitura estritamente teórica, poderá as-



7. Desdobramento da decoração registada nos recipientes das antas de Carvalho 1, Mora (MNA 2013.3.249, em cima), Oeste da Estrada de Montemor, Coruche (MNA 2004.382.13, ao centro) e Moita 1, Mora (MNA 45194, em baixo).



8. Exemplos de paralelos iconográficos para os elementos simbólicos reconhecidos nos recipientes carenados de *tipo Crato/Nisa*: placa de xisto e placa de grés da anta da Horta, Alter do Chão com representação de Arcadas Supraciliares ou Sobrancelhas associadas a Nariz (AH 198 e AH 197, adaptado de Oliveira, 2006, p. 146 e 142); betilos de calcário da gruta do Correio-Mor e da anta de Casainhos, Loures com representação de Arcadas Supraciliares ou Sobrancelhas associadas a Nariz (adaptado de Cardoso *et al.*, 1995, p. 107, fig. 10; Leisner, 1965, Taf. 23); menir 18 de Vale Maria do Meio, Montemor-o-Novo com representação de báculos opósitos (adaptado de Calado e Rocha, 2010, p. 30, fig. 4.6).

sim explicar as semelhanças morfo-tipológicas entre vasos de *tipo Crato/Nisa* e taças de *tipo Atalaia* – podendo-se evocar igualmente efeitos sintomáticos de *memória genética*, mas isso seria já tema para outro debate...

## PERSPECTIVAS TRANSDISCIPLINARES: ALGUMAS SUGESTÕES, À GUIA DE EPÍLOGO

Para a clarificação rigorosa das questões acima debatidas, várias perspectivas de análise serão de considerar. Preconiza-se assim o estudo conjunto de amostras significativas de vasos de ambos tipos, de modo a afinar as características morfológicas específicas destes recipientes (a nível de formas e fabricos) criando bases analíticas sólidas.

Para que a classificação crono-cultural destes recipientes (tanto de um como de outro tipo) não seja baseada apenas nas estampas apresentadas na literatura disponível, propõe-se a revisão de colecções antigas, de modo a identificar e seriar elementos de vasos de ambos tipos. Da mesma maneira, a identificação (por meio de trabalhos de escavação com metodologias actuais) e datação

de contextos seguros, estruturais ou estratigráficos, em «ambiente megalítico», onde se identifiquem exemplares de vasos de ambos tipos, torna-se necessária à rigorosa clarificação da sua crono-cultura. Tal acção poderá ser complementada com a realização de datações TL de elementos cerâmicos de ambos tipos, de modo a definir o patamar cronológico da sua produção.

A realização de análises geoquímicas sobre vasos de ambos tipos, e a consequente comparação de resultados, poderá potencialmente isolar assinaturas específicas na produção destes vasos, de modo a estabelecer possíveis padrões de fabrico.

Este trabalho assume-se assim simplesmente como um contributo para um debate, pretendendo avançar algumas achegas sobre as questões morfológicas e cronológicas envolvendo o estudo dos recipientes carenados do Megalitismo alto-alentejano.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. (2014) – Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento megalítico de Alter do Chão pertencente à colecção de Manuel Heleno. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17, p. 35-60.
- BOAVENTURA, R. (2006) – Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do *cluster* de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 2, p. 61-74.
- BUBNER, M. (1979) – Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa. *Ethnos*, 8, p. 31-85.
- BUENO-RAMÍREZ, P. (1988) – *Los dólmenes de Valencia de Alcantara*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España, 155).
- CALADO, M.; ROCHA, L. (2010) – Megaliths as rock art in Alentejo, Southern Portugal. In CALADO, D.; BALDIA, M.; BOULANGER, M., eds., *Monumental Questions: Prehistoric Megaliths, Mounds and Enclosures. Proceedings of the XV UISPP World Congress*. 7. Oxford: BAR, p. 25-31 (BAR International Series, 2122).
- CARDOSO, J.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O.; NORTH, C. (1995) – O santuário calcolítico da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 97-123.
- GONÇALVES, V. (2011) – *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: UNIARQ (Cadernos da UNIARQ, 7).
- GONÇALVES, V.; ANDRADE, M. (2014) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2. Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Nisa (Anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17, p. 61-94.
- GONÇALVES, V.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da gruta da Lapa da Galinha, no 3º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 109-158.
- GONÇALVES, V.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. (1981) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 1 (81). *Clio*, 3, p. 153-164.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walthers de Gruyter & Co.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walthers de Gruyter & Co.
- MATALOTO, R. (2005) – A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8: 2, p. 115-128.
- MATALOTO, R. (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10: 1, p. 123-140.
- MATALOTO, R.; MARTINS, J.; SOARES, A. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, p. 303-338.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2013) – A anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Centro Leste de Portugal): resultados da primeira campanha de escavação. *Estudos do Quaternário*, 9, p. 57-70.
- OLIVEIRA, C.; MONTEIRO-RODRIGUES, S.; ARAÚJO, A. (2015) – Análise química de resíduos orgânicos identificados em vasos da anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Alto Alentejo, Portugal). In OLIVEIRA, C.; MORAIS, R.; MORILLO CERDÁN, A., eds., *ArchaeoAnalytics. Chromatography and DNA Analysis in Archaeology*. Esposende: Câmara Municipal, p. 85-101.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Colibri/Universidade de Évora.
- PARREIRA, R. (1996) – *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.
- RODRIGUES, A. (2015) – *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW peninsular nos finais do 4.º milénio a.n.e.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Algarve, policopiado.
- SANTOS, M. (1970) – Ídolo eneolítico dos arredores de Lisboa. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 4, p. 61-64.
- SANTOS, M.; FERREIRA, O. (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 3, p. 37-62.
- SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22, p. 7-124.
- SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*, 81: 3/4, p. 189-215.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- SILVA, C.; SOARES, J. (1981) – *Pré-história da área de Sines. Trabalhos arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

## COLECÇÃO ARQUEOARTE

- 1 *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna  
Old and New Worlds. Studies on Early Modern Archaeology*
- 2 *Portugal e o Sul de Marrocos: contactos e confrontos  
(séculos XV-XVIII) / Le Portugal et le Sud du Maroc:  
contacts et conflits (XVe-XVIIIe siècles)*
- 3 *Uma Casa Pré-Pombalina na Baixa de Lisboa.  
Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*
- 4 *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à  
transversalidade da arqueologia. Actas das VIII Jornadas  
de Jovens em Investigação Arqueológica  
Between science and culture: From interdisciplinarity to  
the transversality of archaeology. Proceedings of the VIII<sup>th</sup>  
young researchers in archaeology conference  
Entre ciencia y cultura: De la interdisciplinarietà a la  
transversalidad de la arqueología. Actas de las VIII jornadas  
de jóvenes en investigación arqueológica*
- 5 *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de  
frontières aux 14-16e siècles / En las dos orillas del Estrecho  
de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI*